

"Maurício Nogueira Lima: nova visão do concretismo"

LEMOS, Fernando C., Folha de São Paulo, Caderno de Domingo, 6º caderno, p. 77, coluna Artes Visuais. 1977.11.27.

Em curta temporada na galeria Arte Global, o arquiteto Maurício Nogueira Lima, expôs de 7 a 19 últimas suas últimas produções, "experiências visuais" em que concretiza "com formas simples e compreensíveis as contradições que existem, numa linguagem visual direta e não verbal".

Maurício é pernambucano (1930), radicado há muito tempo em São Paulo. Integrou o grupo pioneiro do concretismo paulista, já em 1953. Participou ativamente na década de 50 de salões, bienais e exposições no exterior e na década seguinte desvia o rumo de sua arte e adota a figura humana "programada visualmente", deixando o concretismo "requeitado", e sim um trabalho descompromissado com os rigores da matemática, numa linha construtiva em que emoções estão presentes.

"Comecei há 25 anos a realizar trabalhos de arte concreta - conta Maurício a Artes Visuais - quando me liguei ao grupo de arte concreta de São Paulo, liderado por Waldemar Cordeiro.

"Na época, imbuído dos princípios fundamentais da objetividade concreta, realizei trabalhos cujo principal interesse era a estrutura, formal geométrica. Onde a construção das formas, sempre visível, denotava de imediato a razão existente. A cor naquele momento - acrescenta - era um elemento de separação formal. Eram usados geralmente o preto, o branco e mais uma cor qualquer, apenas para dar destaque funcional".

Maurício diz que os elementos estruturais agrupavam-se de forma a transmitir ao espectador efeitos ópticos que transcendiam o suporte.

"Era uma arte fisiológica - diz o artista - isto é, exigia do olho trabalho na leitura multidirecional, independente da posição do suporte. Fomos, provavelmente, os precursores da op arte".

O artista lembra que na época chamava seus trabalhos de objetos rítmicos. "O suporte era de aglomerado 'nordex' e a pintura com tinta de massa sintética, esmalte ou tinta industrial aplicada com pistola ou pincel, sem deixar texturas, dando a impressão de pintura de automóvel. A arte final era perfeita não deixando nenhum ruído causador de qualquer interferência personificada na mensagem visível. Não havia erro" - acentua.

Maurício recorda: "Quando na ocasião começamos a expor nossas obras, a crítica comprometida e rançosa desceu a lenha, sem nada entender o que fazíamos, não porque nos recusássemos ao diálogo. Pelo contrário: alguns 'famosos' críticos paulistas ainda estavam demasiadamente comprometidos com as ideias aristocráticas do falso modernismo brasileiro. Apenas a Folha de São Paulo nos deu guarida, graças à inteligência e grande tirocínio do mesmo José Geraldo Vieira".

"Hoje - continua - depois de muitas experiências, principalmente de minha atividade artística na década de 60, surgiram elementos visuais novos nos trabalhos que agora expus na Arte Global".

"Há consciência construtiva da arte concreta histórica, codificada na geometria que transparece ainda permanece, enriquecida dos elementos reais de uma nova visão da Natureza, com a percepção da luminosidade movida pela cor cujas sensações transcendem as perspectivas tradicionais, além dos elementos conotativos da realidade sensível, devidamente programados para uma perfeita apreensão da mensagem transmitida".

"Como alimento do espírito, a beleza é a função" - fala Maurício.

ARTE CONCRETA HOJE

"Podemos afirmar hoje que a consciência construtiva concreta libertou-se de sua fase institucional histórica".

"A arte concreta agora - prossegue - desenvolve-se no sentido de incorporar a seu repertório aberto e progressista os significados mais expressivos do mundo contemporâneo, evitando sempre a mera representação da realidade, pois que arte concreta é a própria realidade".

"Hoje, principalmente no Brasil, a consciência concreta encontra-se na arte de jovens artistas como Claudio Tozzi, Antonio Dias, Gilberto Salvador, Lúcia Fleury de Oliveira, Paulo Roberto Leal, Maurício Friedman, Ginter Parchaik, Newton Cavalcanti Noronha entre outros, e a incorporação feliz de artistas de geração mais antiga, como Odeto Gersoni, Rubem Valentim, Ianelli, Toyota, Júlio Plaza e Tomie Ohtake".

"Os antigos companheiros, Sacilotto, Fiaminghi, Geraldo de Barros e Judite Lauand, desenvolvem pesquisas surpreendentes, que logo serão mostradas ao público".

Maurício termina lembrando os artistas anônimos e programadores visuais que levam ao grande público as últimas pesquisas formais da arte concreta, através de seus produtos de consumo visual em massa. "Basta notar, por exemplo, os filmes ou gravações de abertura de programas de televisão, onde o uso criativo das máquinas de mixagem evidencia as possibilidades formais".

"É o nível pragmático da arte concreta" - finaliza Maurício Nogueira Lima.